

A EXPRESSÃO DO FUTURO VERBAL NA ESCRITA JORNALÍSTICA BAIANA

Josane Moreira de Oliveira (UEFS)¹

RESUMO

Este artigo apresenta resultados de pesquisa realizada sobre a expressão variável do futuro verbal na escrita jornalística baiana. Tomando como pressuposto teórico-metodológico a sociolinguística variacionista, que descreve e analisa a língua a partir do uso, foram controlados fatores linguísticos que podem motivar o uso das formas variantes. Considerando três periódicos diferentes da cidade de Salvador, a pesquisa revela que o futuro perifrástico formado pelo verbo “ir” + infinitivo (forma inovadora) – passando por um processo de gramaticalização, tal como descrito na perspectiva funcionalista – vem concorrendo com o futuro simples (forma conservadora), chegando a 30% de uso e implementando-se em contextos específicos.

PALAVRAS-CHAVE: Futuro verbal; Variação e mudança; Gramaticalização.

INTRODUÇÃO

A expressão do tempo futuro na história do português é um fenômeno variável tanto na fala quanto na escrita. Para exprimir o tempo posterior ao momento da fala, podem-se usar as seguintes variantes: a) o futuro simples (*eu farei isso amanhã*); b) o futuro perifrástico com *haver de* no presente + infinitivo (*eu hei de fazer isso amanhã*); c) o futuro perifrástico com *haver de* no futuro + infinitivo (*eu haverei de fazer isso amanhã*); d) o futuro perifrástico com *ir* no presente + infinitivo (*eu vou fazer isso amanhã*); e) o futuro perifrástico com *ir* no futuro + infinitivo (*eu irei fazer isso amanhã*); f) o presente (*eu faço isso amanhã*). As perífrases com *haver de* + infinitivo com valor de futuro perduram até o século XIX, quando começam a ceder espaço para as perífrases com *ir* + infinitivo (MALVAR & POPLACK, 2008). O presente do indicativo parece ter um contexto bastante próprio e tem se mantido, ao longo do tempo, mais ou menos estável (OLIVEIRA, 2006). Já a implementação do futuro perifrástico com *ir* + infinitivo está bastante avançada (e mesmo já quase concluída) na modalidade falada e começa a invadir a modalidade escrita (OLIVEIRA, 2006). A variação na expressão do futuro não é exclusiva do português; é atestada em muitas outras línguas. O uso do verbo *ir* como auxiliar de futuro combinado com o infinitivo e a gramaticalização dessa forma perifrástica são documentados também em inglês (*I am going to sleep*), em francês (*Je vais dormir*) e em espanhol (*Yo voy a dormir*),

1. Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: josanemoreira@hotmail.com.

por exemplo. Todavia, mesmo sendo esse fenômeno bastante conhecido e muito pouco discriminado pelos falantes (OLIVEIRA, 2011), a maioria das gramáticas tradicionais e dos manuais escolares de língua portuguesa ainda registra apenas o futuro simples. Com base em dados contemporâneos de jornais baianos (*A Tarde*, *Tribuna da Bahia* e *Correio da Bahia*) direcionados a públicos distintos, investiga-se a implementação da forma perifrástica na escrita considerada culta ou padrão, tomando como quadro teórico-metodológico a sociolinguística quantitativa laboviana e admitindo-se, como pressuposto, a hipótese da gramaticalização nos moldes propostos por Hopper & Traugott (2003).

1. QUADRO TEÓRICO

A sociolinguística variacionista pressupõe que a variação é inerente a toda e qualquer língua e não é aleatória ou fortuita. Ao contrário, é motivada por fatores linguísticos e sociais. Ou seja, tanto a variação como a mudança linguísticas têm ligações estreitas com variáveis extralinguísticas que as motivam.

A perífrase indicativa de tempo futuro é a forma inovadora, que convive com a forma simples (conservadora). Trata-se, pois, de um fenômeno variável no português em que a variante perifrástica, concorrente da forma sintética para codificar a função que situa a ação ou o processo posterior ao momento da enunciação, é muito pouco discriminada. E a entrada do verbo *ir* como auxiliar na perífrase para expressar o futuro vem encontrando resposta positiva entre os falantes (OLIVEIRA, 2011).

O funcionalismo linguístico analisa a língua enquanto instrumento comunicativo e discursivo. Sendo a noção de tempo uma categoria linguística e suas relações com o tempo cronológico uma função da comunicação e do discurso, uma abordagem funcionalista pode embasar teoricamente a análise da expressão de futuro no português, que pode ser realizada através de formas simples ou de formas analíticas/perifrásticas, estas passando por um processo de gramaticalização.

Com bastante propriedade, diz Pereira (2005), em sua tese de doutoramento:

Numa abordagem funcionalista, ganham especial relevo os processos de gramaticalização entendidos, na sua versão clássica, como a transformação de itens lexicais em instrumentos gramaticais através de uma ação dos falantes sobre a língua. As pesquisas sobre gramaticalização estão intimamente associadas a uma visão funcional da linguagem, na medida em que defendem a hipótese de que o uso da língua nas situações reais de comunicação motiva a criação ou desenvolvimento de formas gramaticais ao longo do tempo.

O tempo futuro expressa a expectativa de algum estado de coisas a ser verificado mais tarde, após o ato de fala, veiculando asserções segundo a avaliação feita pelo falante da (im)possibilidade de ocorrência de um estado de coisas. Assim, há um valor modal aliado ao fator temporal no futuro que compromete a determinação do valor de verdade da proposição enunciada. Segundo Câmara Jr. (1957:223), a categoria de futuro não ocorre “pela necessidade da expressão temporal; concretizam-no certas necessidades modais, de sorte que o futuro começa como modo muito mais do que como tempo”.

O ciclo de alternância entre formas simples e formas perifrásticas de futuro é uma constante na história das línguas românicas. Já no próprio latim, o futuro desinencial adveio de formas modais analíticas (*cantare habeo* > *cantar hei* > *cantarei*). Para Câmara Jr., a nova forma de futuro criada ainda no latim desempenha três funções na língua: a) marca o modo; b) marca tempo com matiz modal; e c) marca tempo. O autor fala em gramaticalização do futuro modal em futuro temporal.

Os verbos de movimento, em geral, são polissêmicos e superpõem, dentre outras, as noções de espaço e de tempo. O verbo *ir* é um dos verbos mais polissêmicos e, pois, um dos mais ‘gramaticalizáveis’. Na construção perifrástica com o infinitivo, ele tende a se transformar em auxiliar (HEINE, 1993; BYBEE et alii, 1994; HEINE & KUTEVA, 2002), quer dizer, num instrumento gramatical para a expressão do tempo futuro. Essa tendência, bem conhecida no inglês, no francês e no espanhol, pode ser constatada também em português, em que, na fala, o processo de substituição da forma de futuro simples pela forma perifrástica *ir* + infinitivo está quase concluído, tanto no português lusitano (OLIVEIRA, 1985) como no português brasileiro, pelo menos nos dialetos de Brasília (SANTOS, 1997; MALVAR, 2003), do Rio de Janeiro (SANTOS, 2000; GRYNER, 2003; OLIVEIRA, 2006), de Florianópolis (GIBBON, 2000), de São Paulo (SILVA, 2002) e de Salvador (OLIVEIRA, 2006).

Os estudos de gramaticalização das formas que expressam futuro têm mostrado que esse tempo, em todas as línguas, desenvolve-se a partir de fontes lexicais, que os morfemas de futuro passam por estágios similares de desenvolvimento e que a mudança semântica é acompanhada da redução da forma, ou seja, o morfema perde a sua independência, fundindo-se com o material adjacente (BYBEE et alii, 1994).

Uma das mais antigas e talvez mais documentadas análises de implementação da forma analítica de futuro com o verbo *ir* é a da língua inglesa. Segundo Fleischman (1982:82), o primeiro registro do futuro perifrástico com o verbo *to go* remonta ao século XV, provavelmente ao ano de 1482. A perífrase com o verbo *to go* + infinitivo tem sido cada vez mais usada nessa língua para exprimir o tempo futuro. Trata-se do exemplo clássico de gramaticalização em que verbos plenos se tornam auxiliares, atingindo, inclusive, reestruturação sintática e morfo-fonológica. No âmbito sintático, antes da gramaticalização a estrutura era [*be going*] + [*to* + infinitivo]; depois ocorre uma reparentetização (*rebracketing*) e a estrutura é reanalisada como [*be going to* + infinitivo] (HOPPER & TRAUGOTT, 2003). Em outro estágio, no âmbito morfo-fonológico, *going to* se reduz a *gonna* (TRAUGOTT & HEINE, 1991; BYBEE et alii, 1994). Para alguns teóricos, o futuro com *be going to*, resultado da evolução de *go* como verbo de movimento no espaço para *go* como verbo auxiliar, pode ser explicado como um caso de metáfora (HEINE et alii, 1991). Para outros, como Hopper & Traugott (2003), trata-se de um caso de metonímia.

Com base nos trabalhos referenciados, verifica-se que, no inglês, o processo de gramaticalização do verbo *to go* na construção perifrástica de futuro encontra-se num estágio mais avançado que o do verbo *ir* em português, pois *going to* já varia com *gonna* e até com *gon*. Na verdade, em inglês, o processo de gramaticalização desse verbo já está no último estágio, em que, segundo Hopper & Traugott (2003), ocorre a chamada redução fonética.

No português, observa-se também a reanálise da estrutura formada com o verbo *ir* + infinitivo, pois originalmente tratava-se da combinação de duas orações – uma com o verbo *ir* pleno e outra com o infinitivo indicando finalidade. A perífrase se origina, pois, em uma estrutura com uma cláusula final, o que é relatado também por outros autores, como, por exemplo, Martelotta (1998), que apresenta o seguinte exemplo: Ele *vai para falar* com o professor. > Ele *vai falar* com o professor. > *Vai chover* (p.23).

2. AMOSTRA E METODOLOGIA

Por meio da análise controlada de dados coletados em jornais contemporâneos baianos, com base na sociolinguística laboviana, verifica-se a implementação da perífrase com *ir* + infinitivo, identificando-se os contextos linguísticos do seu espriamento na modalidade escrita. Nesta pesquisa, observa-se o papel de alguns grupos de fatores (medido em termos de percentuais e de pesos relativos – a partir da ferramenta GoldVarb²): a) a extensão fonológica do verbo; b) a conjugação verbal; c) o paradigma verbal; d) a pessoa verbal; e) o tipo de sujeito; f) a animacidade do sujeito; g) o papel temático do sujeito; h) o tipo de verbo; i) a transitividade verbal; j) a presença/ausência de clíticos; k) a natureza semântica do verbo; l) a indicação de tempo futuro fora do verbo; m) a projeção de futuridade; n) o paralelismo sintático-discursivo; o) o tipo de periódico; e p) o gênero textual.

Foram examinados: a) dois exemplares do jornal *A Tarde*, de 07/06/07 e de 03/08/07, considerado um periódico direcionado a um público mais elitizado; b) dois exemplares do jornal *Correio da Bahia*, de 28/11/07 e de 20/12/07, considerado um periódico direcionado à classe média; e c) dois exemplares do jornal *Tribuna da Bahia*, de 23/08/07 e de 08/12/07, considerado um periódico mais popular.

Motivaram a pesquisa as seguintes questões:

- a) A forma perifrástica, inovadora, já é documentada na escrita?
- b) Tendo tido a cidade de Salvador 100% de perífrase na modalidade falada dos anos 90 (OLIVEIRA, 2006), qual percentual atinge na modalidade escrita?
- c) Por quais contextos essa nova forma se implementa?

Os dados foram coletados, codificados e processados no GoldVarb e os resultados estão expostos e analisados na seção seguinte.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Foram coletados, inicialmente, 2575 dados de quatro variantes: futuro simples, futuro perifrástico com *ir* + infinitivo, futuro perifrástico com *haver de* + infinitivo e presente. Como só houve 4 dados com *haver de* + infinitivo, todos num mesmo exemplar de periódico, e com valor de desejo e não de futuro, essas ocorrências foram retiradas da amostra final. Quanto à perífrase com *ir* + infinitivo, houve 27 ocorrências com o verbo *ir* no futuro, que, pela sua baixa frequência, foram computadas juntamente com as formas de *ir* no presente + infinitivo. Assim, os resultados encontrados estão apresentados na Tabela 1:

2. O GoldVarb é um conjunto de programas utilizado para processar os dados gerando, a partir de cálculos estatísticos e probabilísticos, os percentuais e os pesos relativos dos fatores controlados bem como os índices de input e de significância que permitem verificar as variáveis estatisticamente relevantes (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001).

Variantes	Periódico			Total
	A Tarde	Correio da Bahia	Tribuna da Bahia	
Futuro simples	473 49%	624 66%	339 52%	1436 56%
<i>Ir</i> + infinitivo	197 20%	145 16%	146 22%	488 19%
Presente	306 31%	173 18%	168 26%	647 25%
Total	976	942	653	2571

Tabela 1: Distribuição das formas de futuro na língua escrita por periódico

Para este artigo, em particular, foram excluídas as formas de presente com valor de futuro, embora tenham apresentado percentuais maiores que a forma perifrástica, por duas razões: a) com base em resultados de trabalho anterior (OLIVEIRA, 2006), essa variante possui contextos bem específicos, mantém índices de uso mais ou menos estáveis na história da língua e está à margem da concorrência futuro simples X futuro perifrástico; e b) objetiva-se verificar, aqui, a implementação da forma perifrástica de futuro na língua escrita, já que na língua falada esse processo já se encontra em fase de compleição.

Assim, considerando apenas os dados das variantes em concorrência (1924 dados), a distribuição é a seguinte:

Variantes	Periódico		
	A Tarde	Correio da Bahia	Tribuna da Bahia
Futuro simples	473 = 71%	624 81%	339 70%
<i>Ir</i> + infinitivo	197 29%	145 19%	146 30%
Total	670	769	485

Tabela 2: Redistribuição das formas de futuro na língua escrita por periódico

Numa análise inicial, olhando os dados globalmente, embora predomine o futuro simples na escrita jornalística, pode-se verificar que a concorrência entre as duas variantes é documentada nos três periódicos, variando de 19% a 30% o percentual de uso da forma perifrástica, conforme ilustra o Gráfico 1, a seguir:

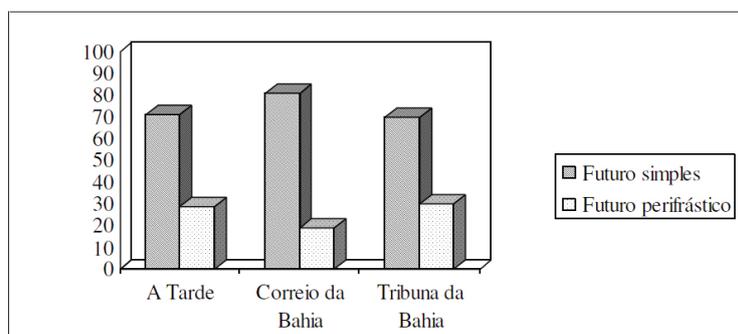


Gráfico 1: Variantes de futuro por periódico (percentuais)

Primeiramente, os dados foram submetidos a uma rodada que considerou os diferentes periódicos como uma variável independente com o objetivo de verificar o papel desse grupo de fatores, que não foi selecionado pelo GoldVarb. A regra de aplicação foi o uso da forma perifrástica, variante inovadora em fase de implementação na modalidade escrita da língua. Dos 1924 dados, 488 (25%) foram de perífrase. De todos os grupos controlados, nove foram selecionados, nesta ordem: 1. natureza semântica do verbo; 2. gênero textual; 3. pessoa verbal; 4. paradigma verbal; 5. paralelismo sintático-discursivo; 6. tipo de verbo; 7. indicação de tempo futuro fora do verbo; 8. papel temático do sujeito; e 9. tipo de sujeito.

O fato de a variável ‘tipo de periódico’ não ter sido selecionada indica que não há diferença estatística significativa entre o uso da perífrase e o tipo de jornal, ou seja, ela está presente nos três periódicos, independentemente de ser o jornal mais ou menos elitizado. E essa informação, embora contrarie a hipótese inicial (a de que haveria mais perífrase no periódico mais popular e menos perífrase no periódico mais elitizado), é muito importante para medir o grau de implementação dessa forma na escrita jornalística baiana. Ou seja, embora estatisticamente não seja relevante o tipo de jornal, linguisticamente é importante discutir essa variável e verificar as diferenças dos resultados dos três periódicos para conhecer os contextos iniciais de espraio da variante analisada. Assim, foram feitas rodadas separadas, por periódico, e o resultado está ilustrado na Tabela 3, a seguir:

	A Tarde	Correio da Bahia	Tribuna da Bahia
Ocorrências/Total	197/670	145/769	146/485
Percentual	29%	19%	30%
Input inicial	.29	.19	.30
Grupos selecionados	1. Natureza semântica do verbo 2. Paradigma verbal 3. Pessoa verbal 4. Gênero textual 5. Papel temático do sujeito 6. Tipo de verbo 7. Animacidade do sujeito	1. Natureza semântica do verbo 2. Gênero textual 3. Paralelismo sintático-discursivo 4. Pessoa verbal 5. Paradigma verbal 6. Transitividade verbal 7. Tipo de sujeito 8. Extensão fonológica do verbo	1. Natureza semântica do verbo 2. Paradigma verbal 3. Pessoa verbal 4. Projeção de futuridade 5. Tipo de sujeito 6. Indicação de tempo futuro fora do verbo
Significância	0,037	0,027	0,021

Tabela 3: Total de dados de perífrase e variáveis selecionadas por periódico

De acordo com os resultados do GoldVarb, no periódico mais elitizado, a perífrase se implementa na escrita com verbos que expressam ação ou processo, verbos regulares, com sujeito de 1ª pessoa, em textos do tipo colunas, quadrinhos, resumos e manchetes, com sujeito [+ agente], com o verbo *ser* e com sujeito [+ animado]. No periódico considerado intermediário, o contexto de entrada da forma inovadora é com verbos que também indicam ação ou processo, em textos do tipo matéria e resumo, em ocorrências isoladas, também com sujeito de 1ª pessoa, também com verbos regulares, com verbos intransitivos, com sujeitos oracionais ou desinenciais e com verbos extensos fonologicamente (3 sílabas ou mais). Quanto ao jornal mais popular, a forma perifrástica é mais usada com verbos cognitivos, também com verbos regulares, também com sujeito de 1ª pessoa, para expressar um futuro imediato (com ação a ser realizada nas próximas 24 horas), também com sujeitos oracionais e na presença de uma oração adverbial.

É interessante notar que os gêneros textuais em que a perífrase se implementa são coluna social, quadrinhos, resumos de filmes e novelas e manchetes, no periódico mais elitizado; e matérias (artigos assinados) e resumos, no periódico intermediário. Com exceção das matérias, os outros gêneros são mais informais: a coluna social, texto que informa, em geral, sobre a vida pública de pessoas da alta sociedade; os quadrinhos, que representam o que se supõe ser a fala; os resumos e as manchetes, que visam atrair o público para ver os filmes e as novelas e para ler as notícias, respectivamente. Quanto ao periódico mais popular, o gênero textual não foi selecionado, o que pode indicar que os 30% de uso da forma perifrástica estão distribuídos quase que equilibradamente por todos os gêneros.

Nos três jornais analisados, três grupos foram selecionados em comum: a natureza semântica do verbo, o paradigma verbal e a pessoa verbal. Os resultados para essas variáveis estão apresentados e comentados a seguir.

3.1. Natureza semântica do verbo

Esse grupo de fatores controla o tipo semântico dos verbos, distribuindo-os em verbos que indicam processo, ação ou movimento, verbos que denotam evento, verbos de estado e verbos cognitivos ou que expressam um estado psicológico³. Seguem exemplos de cada um desses tipos de verbo:

Processo

(1) Foi tão bom e tão aplaudido o show do cantor Billy Paul em Salvador, que, a pedido, ele está retornando para o Othon, onde VAI SE APRESENTAR durante jantar na noite de terça-feira, fazendo uma homenagem toda especial aos namorados. [AT 1, c.2, p.2, col.]

Evento

(2) (...) os climatologistas dizem o que VAI ACONTECER se o aumento global continuar no ritmo atual. [CB 1, c.4, p.10, not.]

Estado

(3) Mesmo suspenso, Alysson ainda VAI FICAR de molho por um mês, depois de sofrer diante do Coritiba uma luxação no cotovelo. [AT 2, ec, p.5, not.]

3. Verbos que indicam processo, ação ou movimento são os que exigem que um nome os acompanhe estabelecendo com eles uma relação de agente referindo-se a um ser animado, como, por exemplo, os verbos *partir, voar, comer, chorar, empurrar*; verbos que denotam evento são aqueles em que o sintagma nominal sujeito não desempenha o papel semântico de agente, como, por exemplo, os verbos *ocorrer, surgir, cair, morrer, ver*; verbos de estado são aqueles que denotam características permanentes ou temporárias do sintagma nominal sujeito, como, por exemplo, *ser, estar, ter, permanecer, parecer*; e verbos cognitivos são aqueles que expressam processos mentais, tais como *pensar, saber, achar* (no sentido de *ter opinião*) (CHAFE, 1979).

Cognição

(4) Ao invés de metê-los na cadeia, arruma-se uma fórmula deles se saírem numa boa à custa do torcedor otário que VAI PENSAR, certamente, que o Bahia, o Vitória, a Catuense e tantos outros times baianos serão beneficiados. [TB1, c.1, p.2, mat.]

A hipótese levantada para esse grupo era a de que o futuro perifrástico se implementasse pelos verbos que denotam processo, já que o verbo *ir*, sendo um verbo de movimento, exprime uma ação que envolve dois momentos, o de partida e o de chegada. A literatura sobre a gramaticalização do verbo *ir* mostra que o fenômeno ocorre principalmente com esse tipo de verbos, já que implicam alteração entre dois momentos temporais. Esperava-se também que os verbos de estado inibissem o uso do futuro perifrástico, favorecendo, portanto, o emprego do futuro simples, como atestado por outros trabalhos, como, por exemplo, o de Malvar (2003).

Em dois tipos de jornal (*A Tarde* e *Correio da Bahia*), os resultados encontrados revelam que, de fato, o maior percentual e o maior peso relativo de uso do futuro perifrástico ocorrem com verbos que indicam processo, seguidos dos verbos que denotam evento, como se vê na Tabela 4, a seguir:

Natureza do verbo	A Tarde		Correio da Bahia		Tribuna da Bahia	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso relativo
Processo	146/257 56%	.56	99/219 45%	.74	96/191 50%	.66
Evento	24/87 27%	.51	29/152 19%	.63	21/56 37%	.64
Estado	27/324 8%	.45	15/396 3%	.31	24/232 10%	.32
Cognição	0/2 0%	-	2/2 100%	-	5/6 83%	.91

Tabela 4: Aplicação da perífrase e natureza semântica do verbo por periódico

Já no periódico *Tribuna da Bahia*, contrariando a hipótese aventada, o maior percentual e o maior peso relativo ocorrem para os verbos cognitivos, seguidos dos verbos que expressam um processo e dos que denotam evento. Mas os dados com verbos cognitivos são muito poucos para que explicações mais conclusivas sejam dadas. Houve dois dados apenas no jornal *A Tarde* (ambos com futuro simples) e no jornal *Correio da Bahia* (ambos com futuro perifrástico). No jornal *Tribuna da Bahia*, houve seis dados, cinco dos quais com a perífrase.

Assim, deixando de lado os verbos cognitivos, por ora, o que se pode dizer é que a incorporação da mudança na escrita acontece com verbos que indicam processo, seguidos dos verbos que denotam

evento, sendo os verbos de estado os que mantêm o futuro simples, o que condiz com a literatura sobre o processo de gramaticalização do verbo *ir*.

3.2. Paradigma verbal

Essa variável distribui os dados em dois grupos: os que contêm um verbo que segue o paradigma geral (verbos regulares) e os que apresentam um verbo de padrão especial (verbos irregulares), considerando, pois, o critério morfológico. Supondo que há uma mudança em curso no sentido de o futuro perifrástico substituir o futuro simples, aventou-se a hipótese de que esse processo avançaria primeiro nas formas regulares e depois nas irregulares. Essa hipótese se confirma nos dados dos três tipos de periódico, tanto em termos percentuais como em pesos relativos, conforme evidenciado na Tabela 5:

Verbo	A Tarde		Correio da Bahia		Tribuna da Bahia	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
Regular	158/303 52%	.69	113/333 33%	.61	117/231 50%	.68
Irregular	39/367 10%	.34	32/436 7%	.42	29/254 11%	.33

Tabela 5: Aplicação da perífrase e paradigma verbal por periódico

São os verbos regulares os que favorecem a aplicação da regra de perífrase, ficando o futuro simples mais restrito aos verbos irregulares, ou seja, os que têm um padrão morfológico especial. Os verbos irregulares, segundo Bybee (2003), por terem uma frequência alta de uso na língua (*ser, ter, ver*, por exemplo), resistem a mudanças e, sendo estocados na memória do falante como únicos (especiais), mantêm o futuro simples, pois não seguem padrões gerais.

3.3. Pessoa verbal

Como mencionado frequentemente na literatura sobre a expressão do futuro verbal em português (GIBBON, 2000; MALVAR, 2003; OLIVEIRA, 2006), as formas de presente e de perífrase com *ir* + infinitivo exprimem um maior grau de certeza da realização do estado de coisas no futuro. Essa maior possibilidade ou maior probabilidade de acontecimento de algo está intimamente ligada ao envolvimento ou comprometimento do falante em relação ao enunciado que profere. Assim, assumiu-se como hipótese que os sujeitos de primeira pessoa favoreceriam o uso da forma inovadora, expressando um maior investimento para a concretização da ação futura.

Observem-se os exemplos a seguir:

(5) O leitor me desculpe, mas não VOU FAZER o histórico porque precisaria de pesquisar mais a fundo. [TB 1, c.1, p.2, mat.]

(6) Já estamos a par da reintegração desde segunda-feira, VAMOS VER quais as propostas do governo do Estado e da Suzano na reunião de amanhã... [AT 2, c.1, p.12, mat.]

Os resultados encontrados nesta pesquisa estão apresentados na Tabela 6:

Pessoa verbal	A Tarde		Correio da Bahia		Tribuna da Bahia	
	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo	Frequência	Peso Relativo
P1	¾ = 75%	.90	12/15 80%	.85	9/14 64%	.88
P3	138/426 32%	.54	97/529 18%	.48	102/322 31%	.51
P4	21/33 63%	.73	14/19 73%	.87	13/22 59%	.89
P6	35/206 16%	.37	22/206 10%	.47	22/127 17%	.34

Tabela 6: Aplicação da perífrase e pessoa verbal por periódico

Como se pode ver na Tabela 6, a primeira pessoa (P1 = eu; P4 = nós) apresenta maior peso relativo e maior percentual no uso da perífrase. Esse fato revela um maior comprometimento do sujeito com a realização do processo verbal a se concretizar no futuro.

Note-se que os dados de primeira pessoa são muito poucos em relação aos de terceira pessoa, mais típicos nesse tipo de escrita. Em geral, os dados de 1ª pessoa aparecem em citações de fala para ilustrar os textos jornalísticos. De qualquer forma, percebe-se que o jornalista não corrige a fala dos entrevistados, pelo menos no que tange ao fenômeno aqui estudado, o que corrobora o fato de que a perífrase está para a fala assim como o futuro simples está para a escrita (pelo menos a escrita formal).

Em pesquisa anterior (OLIVEIRA, 2006), foram analisados dados de fala de informantes considerados cultos, isto é, todos com nível superior completo e os resultados apontam o aumento do uso da forma perífrástica em detrimento da forma simples. Comparando os resultados gerais de fala e escrita (ambas as modalidades em sua forma considerada culta ou padrão), observa-se uma inversão parcial no uso das variantes concorrentes. Veja-se a Tabela 7, a seguir, com o acréscimo dos dados de jornais de 2007:

Variantes	Fala ³			Escrita		
	EF ⁴	DID ⁵	DID	Jornais ⁶	Jornais ⁷	Jornais
	(anos 70)	(anos 70)	(anos 90)	(anos 70)	(anos 90)	(2007)
Futuro simples	82 19%	25 13%	5 4%	71 91%	51 73%	1436 75%
Futuro perifrástico	358 81%	164 87%	137 96%	7 9%	19 27%	488 25%
Total	440	189	142	78	70	1924

Tabela 7: Formas variantes de futuro em dados de fala e de escrita

Analisando a Tabela 7, percebe-se que os dados confirmam a inversão parcial das duas variantes em relação às modalidades da língua: o futuro perifrástico é mais usado na fala e o futuro simples é mais usado na escrita. Comparando os dados dos anos 70 com os dados dos anos 90, observa-se um aumento no uso da perífrase na fala e um decréscimo no uso do futuro simples na escrita. Ou seja, o uso da perífrase é quase categórico na fala e começa a se implementar na escrita.

4. CONCLUSÕES

A partir do controle de vários grupos de fatores linguísticos e do grupo extralinguístico tipo de periódico, com o intuito de verificar os contextos de condicionamento do uso das variantes ‘futuro simples’ e ‘futuro perifrástico’, constatou-se que o futuro simples ainda prevalece na língua escrita jornalística. Todavia a forma perifrástica vem se implementando na modalidade escrita e o seu contexto de entrada é o que envolve verbos que exprimem processo/ação/movimento, verbos regulares e sujeitos de 1ª pessoa (sobretudo quando há dados de fala reproduzidos nos jornais). Considerando três tipos de jornais voltados para públicos diferentes, percebeu-se que o periódico mais popular (*Tribuna da Bahia*) e o mais elitizado (*A Tarde*) apresentam quase o mesmo índice de uso da forma inovadora (30% e 29%, respectivamente), mas é o periódico considerado intermediário (*Correio da Bahia*, visto na sociedade soteropolitana como conservador) o que mais usa a forma de futuro simples (81%). Estatisticamente, porém, não há diferença significativa entre o uso das formas concorrentes e os tipos de jornal analisados.

Este trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa desenvolvida a partir de 2007 com textos jornalísticos, mas, comparando-os com resultados de pesquisa anterior (OLIVEIRA, 2006), mantém-se a hipótese da inversão parcial entre fala e escrita quanto ao uso das variantes inovadora e conservadora. Resta saber se, com a ampliação do *corpus*, os resultados se mantêm próximos.

4. Dados do Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta das Principais Cidades Brasileiras, desenvolvido em Salvador, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

5. Elocuções formais.

6. Diálogos entre informante e documentador.

7. Apenas textos de editoriais.

8. Apenas textos de editoriais.

THE EXPRESSION OF THE VERBAL FUTURE IN THE JOURNALISTIC WRITING IN BAHIA

ABSTRACT

This article presents the results of a research conducted on the variable expression of verbal future in journalistic writing of Bahia. Based on Labovian quantitative sociolinguistics, which describes and analyzes the language in use, we controlled some linguistic factors that might influence the use of variant forms. Considering three different newspapers of the city of Salvador, the survey reveals that the periphrastic future formed by the verb “ir” (“to go”) + infinitive (innovative form) – through a process of grammaticalization, in a functionalist perspective – is competing with the simple future (conservative form), achieving 30% of use becoming increasingly common in the written language in specific contexts.

KEY WORDS: Future tense; Variation and change; Grammaticalization.

REFERÊNCIAS

Bybee, J. (2003). Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. *In: Joseph, Brian D. & Janda, R. D. (Ed.) The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, p. 602-623.

Bybee, J. et alii. (1994). *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: Chicago University Press.

Câmara Jr., J. M. (1957). *Uma forma verbal portuguesa – estudo estilístico e gramatical*. Tese apresentada no concurso para a cadeira de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio/Rodrigues & Cia.

Chafe, W. (1979). *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.

Cunha, M. A. F.; Souza, M. M. (2011). *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez.

Fleischman, S. (1982). *The future in thought and language – diachronic evidence from Romance*. Cambridge: Cambridge University Press.

Gibbon, A. O. (2000). *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Florianópolis: UFSC, (Dissertação de Mestrado).

Gryner, H. Equilíbrio e desequilíbrio na evolução das estruturas condicionais. *In: Paiva, M. C.;*

Duarte, M. E. L. (2003). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Contra Capa, p. 175-192.

Heine, B. et alii. (1991). *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press.

- Heine, B. (1993). *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press.
- Heine, B. & Kuteva, T. (2002). *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hopper, P. J. & Traugott, E. (2003). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Malvar, E. (2003). *O presente do futuro no português oral do Brasil*. Ottawa: University of Ottawa (Tese de Doutorado).
- Malvar, E. & Poplack, S. (2008). O presente e o passado do futuro no português do Brasil. In: Votre, Sebastião & Roncarati, Cláudia. *Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p.186-206.
- Marchello-Nizia, C. (2006). *Grammaticalisation et changement linguistique*. Bruxelas: De Boeck.
- Martelotta, M. E. (1998). Gramaticalização e vinculação entre cláusulas adverbiais. *Relatório do Projeto Integrado Gramaticalização e Vinculação entre Cláusulas Adverbiais – Grupo Discurso & Gramática*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Oliveira, F. (1985). O futuro em português: alguns aspectos temporais e/ou modais. *Actas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, p. 353-373.
- Oliveira, J. M. (2006). *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Rio de Janeiro: UFRJ, (Tese de Doutorado).
- Oliveira, J. M. (2011). A variação do futuro verbal em português: teste de percepção/atitude na cidade de Feira de Santana-BA. *Tabuleiro de Letras*, n. 3. Salvador: UNEB, dez.
- Pereira, M. H. (2005). *Reanálise e gramaticalização de conectores: uma análise em tempo real*. Rio de Janeiro: UFRJ, (Tese de Doutorado).
- Robinson, J.; Lawrence, H. & Tagliamonte, S. *GoldVarb 2001*. Department of Language and Linguistic Science, University of York, 2001. Disponível em: www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/.
- Santos, A. M. (1997). *O futuro verbal no português do Brasil em variação*. Brasília: UNB, (Dissertação de Mestrado).
- Santos, J. R. (2000). *A variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ (Dissertação de Mestrado).
- Silva, A. (2002). *A expressão de futuridade no português falado*. Araraquara: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Traugott, E. & Heine, B. (1991). *Approaches to grammaticalization*, v.1. Amsterdam: John Benjamins.